FOLHAS DISPERSAS DAS OLIVEIRAS.
DA POESIA DE MAHMUD DARWICH E JABRA IBRAHIM JABRA

Alexandre Facuri Chareti*

RESUMO: Este artigo apresenta a tradução para o português brasileiro de alguns poemas dos palestinos Jabra Ibrahim Jabra e Mahmud Darwich, aborda questões relativas aos procedimentos técnicos da tradução e faz uma reflexão sobre as decisões de tradução necessárias à transposição de sistemas linguísticos distintos entre si.

PALAVRAS-CHAVE: Mahmud Darwich; Jabra Ibrahim Jabra; Tradução; Poesia Árabe

ABSTRACT: This article presents the translation into Brazilian Portuguese of some poems by the Palestinians Jabra Ibrahim Jabra and Mahmoud Darwish, addresses questions related to the technical procedures of translation and reflects on the translation decisions necessary to transpose different linguistic systems.

KEYWORDS: Mahmoud Darwish; Jabra Ibrahim Jabra; Translation; Arabic Poetry

Nascido em 1941 numa família sunita proprietária de terras em um vilarejo da Galileia chamado Albirwa, que seria destruído pelas forças israelenses em 1948, e morto em um hospital de Houston em 2008, Mahmud Darwich é o poeta palestino mais conhecido e traduzido fora de seu país. Com uma obra formada por 26 livros de poemas e 11 de escritos em prosa¹, integra com destaque a moderna literatura árabe, seja pela participação dele nos experimentos renovadores das letras árabes do século XX, seja por sua peculiaridade no envolvimento com os assuntos políticos relativos à ocupação dos territórios palestinos por Israel. É característica de sua literatura a marca declamativa dos poemas, capaz de mover grandes audiências e trazer à tona profundas dimensões da tragédia perpetuada contra seu povo.

No presente artigo, são apresentadas as traduções de cinco de seus poemas. “Poema da terra” é um dos textos mais emblemáticos de sua obra e marca um momento importante da expressão do poeta quando residia em Beirute. Em 30 de março de 1976 houve nos territórios palestinos uma greve geral seguida de protestos em reação ao anúncio por parte do governo de Israel do plano de expropriação de uma área na Galileia. A repressão violenta do exército israelense causou a morte de seis palestinos. Desde então, o Dia da Terra Palestina passou a ser lembrado todos os anos em manifestações pelo mundo. Publicado no poemário *Bodas (árās)* de 1977, o poema faz referência a esse episódio, sendo frequentemente recitado nos eventos em memória do ocorrido no dia 30 de março. Em um longo texto de 11 partes, Darwich explora as propostas inovadoras da

* Doutorando no PPG Letras Estrangeiras e Tradução, USP; Mestre em Estudos Judaicos e Árabes (USP). Membro do “Grupo de tradução da poesia árabe contemporânea”. alexandre.chareti@usp.br

¹ Cf. o site oficial do poeta <<http://www.darwishfoundation.org/>>, acesso em 30/07/2020.

literatura árabe em uma variedade de formas livres de verso, em que repetições de palavras, assonâncias e aliteraões sugerem uma musicalidade fluida, alternada a cada parte, contra o uso conservador da rima fixa em versos de dois hemistíquios característico da tradição lírica árabe. Sua prosa poética traz ao primeiro plano metáforas radiantes sobre a invasão da Palestina, vista a partir de uma sensibilidade profunda que se reconhece como a própria terra e que, a lembrar Walt Whitman, anuncia sua existência nas folhas da vegetação, nas pedras do caminho, no canto das meninas, e a tragédia que ocorre na Palestina passa sobre seu próprio corpo. A presente proposta de tradução desse poema defronta-se com a complexidade de elementos poéticos cristalizados na obra de um grande artista. Sobre seus passos, então, o texto em português pretende percorrer os sentidos de suas imagens multifacetadas, enredadas em uma voz que alterna entre o fluxo declamativo (como se pode observar na parte 1 do poema) e estruturas de frases diretas com repetição anafórica (como ocorre na parte 2).

Com a invasão do Líbano por Israel em 1982, Darwich exilou-se na França, onde permaneceu por cerca de dez anos. Nesse período publicou quatro dos poemas traduzidos neste artigo: “O pombo voa”, publicado em *Cerco de elogios ao mar* (*ḥiṣār limadā’ih albaḥr*) de 1984; “Hóspedes no mar” e “UTI”, que fazem parte do livro *É uma canção, é uma canção* (*hiya ’uḡniya hiya ’uḡniya*) de 1986; e “Fomos a Áden”, incluído em *Menos rosas* (*wardun ’aqall*), obra de 1986. Nesse conjunto de sua obra, pode ser destacada a aventura metafórica do poeta, em uma variedade de temas, além da celebração da luta do seu povo para reter o destino e triunfar sobre as ameaças do mundo ao seu redor. Em “O pombo voa”, “UTI” e “Fomos a Áden” foram exploradas temáticas como o amor erótico, as experiências de quase morte por conta de uma doença cardiovascular (que posteriormente veio a ocasionar sua morte) e as impressões de uma visita à cidade do Lêmen, que lhe traz os questionamentos sobre a cultura do lugar e as perspectivas para o que se chama de povo árabe. Dentre eles, o segundo e terceiro poemas, mais curtos e narrados em primeira pessoa, evidenciam questionamentos reflexivos sobre as experiências que os sentidos externos oferecem ao poeta. Um tanto mais extenso, o primeiro parece propor um ciclo de visitas ao amor. A cada alçar das asas do pombo, é exibida uma nova declaração do desejo erótico, não na forma de uma história declamada, mas cifrada em cenas amarradas aos blocos de frases longas, por vezes com o uso de anáforas. No poema “Hóspedes no mar”, a força das representações sobre o exílio e a condição de expatriado de todos os palestinos fluem em um tom de recitação que alterna para grupos de frases mais simples concatenadas em uma estrutura de repetição. A cada bloco, o poeta volta ao mote, que entoia à maneira de uma oração “Mar, não nos dê a canção que não merecemos”.

Anterior a Darwich, Jabra Ibrahim Jabra nasceu em Belém, em 1920, e morreu em Bagdá, em 1994. Proveniente de uma família cristã ortodoxa, bacharelou-se em literatura inglesa, em 1943, na Universidade de Cambridge na Inglaterra, onde também se especializou em Crítica Literária. Entre 1948 e 1952 ensinou Literatura na Universidade de Bagdá, além de envolver-se ativamente com a produção cultural no Iraque, formando o *Baghdad Group for Modern Art* com o preeminente Jawād Salīm. Poeta, romancista,

tradutor, pintor e crítico literário publicou cerca de 60 obras em árabe e em inglês e traduziu dezenas de livros ao árabe de autores como James Frazer, Samuel Beckett, William Faulkner e principalmente Shakespeare. Suas traduções difundiram a literatura de língua inglesa entre os escritores árabes, influenciando os movimentos inovadores que transformaram a literatura árabe a partir dos anos 1950. Dele traduzimos dois poemas extraídos da coletânea de Jayyusi (1997).

À maneira de elegia, “Para Sócrates” apresenta características formais modernas. Sem rima final, sem métrica constante, em uma sequência de frases descritivas, Jabra reconta o percurso do filósofo ateniense em seus últimos instantes, buscando uma justificativa para sua morte auto-infligida. O poeta exalta a insuportável verdade das palavras de Sócrates, que o levaram a ser condenado à morte por envenenamento e, assim, a punir as pessoas que o julgaram com o esquecimento.

“Recompensa amorosa” também passa longe da moldura da estrutura rimada e metrificada tradicional. Apresenta, porém, um fluxo de leitura mais ritmado que o poema sobre o célebre filósofo. Neste, exercem papel preponderante as assonâncias de vogais longas, principalmente as formadas por *‘alif* (ā) e *yā* (ī). Essa entonação mais declamada parece corresponder à proposta intensa do tema de amor passionai, assim que uma sequência de imagens de mares agitados e tempestades violentas passa aos olhos do leitor à velocidade dos desejos de um amor bestial.

Procedimentos de tradução

Algumas decisões de tradução aplicadas aos poemas de Darwich e Jabra podem ser entendidas com base nos procedimentos técnicos da tradução propostos primeiramente em 1958 pelos franco-canadenses Vinay e Darbelnet (1977) e posteriormente retrabalhados pela brasileira Heloísa Barbosa (1990). Pelas características dos dois sistemas linguísticos envolvidos na tradução, o árabe e o português, pode-se destacar a recorrência de alguns desses procedimentos. A “transliteração”, por exemplo, que “consiste em substituir uma convenção gráfica por outra” (BARBOSA, 1990, p. 73), é um procedimento usual na tradução de textos que utilizam a língua e o alfabeto árabes para o português, no alfabeto romano. Pela ênfase dada ao registro dos valores fonológicos da língua árabe, realizou-se nas traduções a transcrição de nomes árabes, utilizando a convenção acadêmica firmada por Sufa Jubran (2004). Essa prática pode ser observada, por exemplo, no registro dos nomes próprios quando não apresentam uma grafia consensual convencionada no Brasil, como Ḥadīja, no “Poema da terra”, e Imru’ Alqays, no poema “Fomos a Áden”, diferentemente do que ocorre no poema “Para Sócrates”, em que se reconhece o registro usual do nome do filósofo em português.

A “tradução literal” é outro procedimento recorrentemente utilizado nos poemas aqui apresentados, “em que se mantém uma fidelidade semântica estrita, adequando porém a morfossintaxe às normas gramaticais da LT [língua de tradução]” (BARBOSA,

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

1990, p. 65). Pode-se observar um exemplo da aplicação desse procedimento no seguinte trecho do “Poema da terra”:

Ḥadīja inclinou-se em direção ao orvalho, e eu me queimei.	<i>mālat Ḥadīja naḥw annadà, fa-’iḥtaraqtu.</i>
--	---

Na primeira oração, até a vírgula, o texto em árabe mostra a sequência sintática convencional, em que o verbo *mālat* inicia a oração, seguido do sujeito *Ḥadīja* e posteriormente dos complementos *naḥw annadà*. Na tradução, optou-se pelo registro da ordem sintática convencional do português brasileiro, em que o sujeito precede o predicado. Na segunda oração, após a vírgula, em árabe, há uma forma verbal reflexiva, conjugada no passado em primeira pessoa, *’iḥtaraqtu*. Em português, essa forma reflexiva de primeira pessoa exige a adição de um pronome “me” ao verbo. Em *’iḥtaraqtu*, a presença da letra *’alif* antes da primeira consoante *ḥ* – *’iḥ* – e a presença da letra *tá’* entre a primeira e a segunda consoantes da base trilítere do verbo *ḥrq* em árabe – *ḥtaraq* – determinam que essa é a 8ª dentre as dez formas verbais mais convencionais em árabe e, sendo essa a forma, o verbo expressa uma ação reflexiva e passiva da primeira pessoa. É importante destacar que essa informação é parte do verbo, e não um pronome anexado. Assim, ao se traduzir essa expressão para o português, utilizando-se o pronome reflexivo “me”, fez-se uso do procedimento de *explicitação*, uma vez que sem o pronome, não há o efeito reflexivo em português brasileiro.

Em língua árabe não há diferenciação de tratamento feita por meio do pronome, como em português europeu há entre “tu” e “você” ou em alemão entre *du* e *Sie*. Em português brasileiro, o uso de um ou outro desses pronomes pode ainda indicar variações regionais, embora em São Paulo alternam-se misturados os pronomes relacionados a “tu” e “você”. Assim, o uso exclusivo de pronomes da segunda pessoa (tu) ou somente de pronomes da terceira pessoa (você) parece não propiciar um resultado natural nos poemas traduzidos. Dado isso, foi utilizado em algumas das traduções o tipo de registro misto. O exemplo a seguir é um trecho do poema “Para Sócrates”, em que se optou pela mistura de tratamentos para a harmonização em uma linguagem brasileira contemporânea.

Por isso te deram veneno e você não hesitou.	<i>’alà attisā’ūli jāzauka bi-assummi, fa-lam tatasā’il ’anta.</i>
--	--

Em “UTI”, é possível destacar um verbo no modo imperativo, conjugado em segunda pessoa, significando uma ordem de “acalma-te”, ou “sossega”. Na tradução do trecho, optou-se pelo uso de um procedimento chamado “equivalência”, que “consiste em substituir um segmento de texto da LO [língua original] por um outro da LT [língua de tradução] que não o traduz literalmente, mas que lhe é funcionalmente equivalente” (BARBOSA, 1990, p. 67), resultando na expressão “Tenha calma”.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

Tenha calma, precisamos completar este último abraço e deitar.	<i>tamahhal li-nukmila hāda al'ināqa al'aḥīra wa-nasjud.</i>
--	--

Um procedimento de tradução utilizado com menor frequência nas traduções foi a “adaptação”. Uma decisão mais intrusiva, no sentido de alterar aspectos do texto em árabe para dar sentido ao poema em português, é “aplicada em casos onde a situação toda a que se refere a LO [língua original] não existe na realidade extralinguística dos falantes da LT [língua da tradução]” (BARBOSA, 1990, p. 76).

para que te venha das terras de Balquis o pássaro mensageiro.	<i>li-ya'tiyaka min 'arḍi Balqīsa hudhud.</i>
---	---

No trecho destacado desse poema, Darwich faz referência a um pássaro *hudhud*, chamado em português Poupa-euroasiática, reconhecido na cultura árabe principalmente por um episódio relatado no Alcorão, na Sura das Formigas (ALCORÃO, 2005, p. 613), em que o pássaro traz ao rei Salomão notícias do povo de Sabá e de sua rainha Balquis. Por ser pouco conhecido entre os falantes de português no Brasil, optou-se pelo procedimento “adaptação” para o termo “pássaro mensageiro”, como tentativa de alcançar o efeito que o nome daquele pássaro específico tem no poema em árabe.

As características estilísticas dos poetas expressas nos elementos específicos de cada poema são, assim, as referências utilizadas para o trabalho da tradução. Nesse processo, foram consideradas as questões relativas aos procedimentos técnicos da tradução, no que tangem à tradução poética, resultando numa reflexão sobre as decisões necessárias à transposição desses sistemas linguísticos distintos entre si, mas aproximados pela tradução.

MAHMUD DARWICH

Poema da terra

1

Em março, no ano da Intifada, a terra nos disse seus segredos de sangue. Em março, cinco meninas passaram diante da violeta e do fuzil. Pararam à porta de uma escola primária e queimaram junto à rosa e o tomilho. Começaram o canto da terra e se entregaram ao abraço final. Março chega à terra vindo de dentro da terra e da dança das meninas - a violeta se curvou um pouco para a voz das meninas passar. Os pássaros esticaram os bicos em direção do canto e do meu coração.

Eu sou a terra
e a terra é você

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

Ḥadīja! Não feche a porta
não entre na ausência
vamos expulsá-los do vaso de flores e do varal
vamos expulsá-los das pedras deste caminho longo
vamos expulsá-los do ar da Galileia.

Em março, cinco meninas passaram diante da violeta, do fuzil. Caíram à porta de uma escola primária. Nos dedos o giz na cor dos pássaros. Em março a terra nos disse seus segredos.

2

A terra chamo de extensão da minha alma
as mãos chamo de borda das feridas
e chamo de asas o seixo
e chamo de amêndoa e de figo os pássaros
e chamo de árvore as costelas
e da figueira em meu peito destaco um ramo,
lanço como uma pedra
e destruo o tanque dos invasores.

3

Em março, trinta anos e cinco guerras antes,
nasci em cima de um monte de ervas reluzentes sobre as tumbas.
Meu pai era prisioneiro dos ingleses enquanto minha mãe cuidava de suas tranças e do meu crescimento na relva. Eu adorava as *feridas de amor*², flor que eu juntava nos bolsos, e elas murchavam ao meio-dia. Um tiro atravessou minha lua, e ela não quebrou, mas o tempo passou por ela e, sem querer, caiu.
Em março nos estendemos na terra.
Em março a terra se espalha em nós
encontros obscuros,
simples comemorações,
descobrimos o mar debaixo das janelas
e a lua triste no alto do cipreste.
Em março entramos na primeira prisão e no primeiro amor
as memórias precipitam sobre uma vila sitiada,
nascemos lá e nunca ultrapassamos as sombras do marmeleiro.
Como fogem dos meus caminhos, sombras do marmeleiro?
Em março entramos no primeiro amor
e na primeira prisão
e as memórias iluminam um crepúsculo em língua árabe:
O amor me diz um dia: Entrei sozinho em seu sonho, me perdi e o sonho se perdeu em

² O termo *jurḥ alḥabīb* é o nome de um tipo de flor semelhante ao lírio do campo, ou lírio do vale.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

mim. Eu disse: Multiplique-se! Talvez o rio corra até você.
Em março a terra descobre seus rios.

4

Meu país, distante de mim como meu coração!
Meu país, perto de mim como minha prisão!
Por que cantar
um lugar, se meu rosto é um lugar?
Por que cantar
a uma criança que dorme num montinho de açafrão
se nas bordas do sonho há uma adaga
se minha mãe me dá o seu peito
e morre na minha frente
numa bufada de âmbar?

5

Em março despertam os cavalos
senhora terra!
Que canção percorrerá o seu ventre ondulante depois de mim?
Que canção combina esse orvalho com o incenso
como se os templos agora se questionassem sobre os profetas da Palestina em seu
contínuo início.
Verdeja a distância e avermelham as pedras -
Esta é minha canção
e como o Messias evade a ferida e o vento
verde, como as plantas, ele recobre seus pregos e minhas correntes.
Esta é minha canção.
É como o jovem árabe ascende ao sonho e a Jerusalém.
Em março despertam os cavalos.
Senhora terra!
Os cavalos fazem da espiral de picos um tapete de rezas
oram as lanças e meu sangue
fazem um arco da semiesfera
e meu rosto e o teu rosto são Haifa e as bodas.
Em março o mar se recolhe da nossa terra estendida como
um cavalo para o sexo.
Em março o sexo se ergue nas árvores da costa árabe.
As ondas devem confinar as ondas... devem ondular... devem
se casar... ou afundar no algodão.
Eu lhe imploro, senhora terra, que me permita habitar o seu relincho.
Eu imploro que me enterre com as pequenas meninas entre a violeta e o fuzil.
Eu lhe imploro, senhora terra, que fertilize minha vida dividida entre duas questões:

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

como? e onde?

Esta é minha primavera primeira.

Esta é minha primavera final.

Em março a terra casou suas árvores.

6

É como se eu voltasse para o que passou

e andasse sempre um passo à frente,

e entre o azulejo e a satisfação

recupero a harmonia.

Sou o menino das palavras simples

sou mártir do mapa

sou a flor nos galhos do damasqueiro.

Pois então, opressores ao limite do impossível

desde o Sul até a Galileia,

devolvam-me as minhas mãos

devolvam-me a identidade!

7

Em março as sombras chegam sedosas e os invasores chegam sem sombras

os pássaros vêm obscuros como a confissão das meninas

às claras como os campos

os pássaros são as sombras dos campos cobrindo o coração e as palavras.

Ḥadīja!

Onde estão suas netas que foram atrás do novo amor?

Foram colher procurando pedras -

disse Ḥadīja, enquanto chama por elas debaixo do orvalho.

Em março a terra anda como um sangue fresco ao meio-dia. Cinco meninas escondem um campo de trigo debaixo da trança. Elas leem os primeiros versos de uma canção sobre o vinhedo de Hebron, escrevem cinco cartas:

Viva meu país

do Sul à Galileia

elas sonham com Jerusalém depois das provas da primavera e da expulsão dos invasores.

Ḥadīja! Não feche a porta

e não vá nas nuvens

hoje vai chover

vai chover balas

hoje vai chover!

Em março, no ano da Intifada, a terra nos disse seus segredos de sangue. Cinco meninas paradas na porta da escola primária se depararam com os soldados. Brilha um verso verde... verde. Cinco meninas paradas na porta da escola primária se quebram como

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

espelhos
as meninas espelham o país no coração...
Em março a terra queimou suas flores.

8
Sou testemunha da chacina
mártir do mapa
sou o menino das palavras simples
vi o seixo são asas
vi o orvalho são armas
quando fecharam a porta do meu coração em mim e instalaram fronteiras em mim
e fundaram a proibição de ir e vir
meu coração se tornou uma rua
e minhas costelas viraram pedras
brotou o cravo
brotou o cravo.

9
Em março as plantas têm perfume. É quando os elementos se casam. “Março é o mais duro dos meses” e o mais libidinoso. Que espada atravessa meus soluços e meus suspiros e não se quebra? Esse é o meu abraço agrícola no apogeu do amor. É como eu saio para a vida.
Enrolem-se, plantas, e juntem-se à intifada do meu corpo e à volta do sonho ao meu corpo.
A terra explodirá enquanto confirmo esse grito contido à irrigação e à timidez campesina.
Em março chegamos à obsessão das memórias, e as plantas crescem em nós brotando em todas as direções. É como crescem as lembranças. Chamo de lembrança minha subida no cinamomo³. Vi uma menina à beira do mar há 30 anos e disse: Eu sou a onda, e ela se afastou na lembrança. Vi dois mártires escutando o mar: Acre vem com a onda. Acre vai com a onda. Os dois se afastam na lembrança.
Ḥadīja inclinou-se em direção ao orvalho, e eu me queimei. Ḥadīja! Não feche a porta!
Que os povos entrarão neste livro e o sol de Jericó se esconde sem cerimônias.
Nação de profetas... seja inteira!
Nação de semeadores... seja inteira!
Nação de mártires... seja inteira!
Nação de refugiados... seja inteira!
Cada caminho das montanhas é uma extensão desse canto.
Todas as canções em você são extensões de uma oliveira que me envolve.

³ Espécie de árvore também conhecida como Amargoseira.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

10

Uma noite pequena numa vila abandonada
e seus olhos dormem
volto trinta anos
e cinco guerras
vejo que o tempo
guardou para mim uma espiga
canta o cantor
a respeito de fogo e de ausentes
a noite era noite
e o cantor cantava.

Perguntaram a ele:
Por que você canta?
Ele respondeu:
porque eu canto.

Procuraram em seu peito
mas só encontraram o coração
e procuraram no seu coração
mas só encontraram o povo
e procuraram na sua voz
mas só encontraram a tristeza
e procuraram na sua tristeza
mas só encontraram a prisão
e procuraram na sua prisão
mas só encontraram as correntes.

Atrás das colinas
dorme sozinho o cantor
e em março
brotam nele as sombras.

11

Eu sou a esperança, a costa, a vastidão - disseram-me a terra e a relva, como se me saudassem na aurora.
Esse é o preço de viver por Ḥadīja. Não fui plantado para ser colhido.
O ar da Galileia quer falar de mim, mas adormece quando está em Ḥadīja.
As gazelas da Galileia querem hoje destruir o meu cárcere, mas velam a sombra de Ḥadīja, enquanto ela se inclina sobre o seu fogo.
Ḥadīja! Eu vi... confirmo o que vi, ela me tomou em toda a sua extensão, em todo o seu ar.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

Sou o eterno apaixonado, o prisioneiro por natureza.
A laranja tomou o meu verde e se fez a ideia de Jafa.
Eu sou a terra desde que conheci Ḥadīja.
Não fui conhecido para ser morto.
A planta da Galileia tem o poder de florir entre os dedos da minha mão e de desenhar
esse lugar disperso entre meu esforço e o amor de Ḥadīja.
É o preço de se viver de novo o mês de março
até que o ar abandone a terra.
Esta terra é minha terra
esta nuvem é minha nuvem
e esta é a frente de Ḥadīja.
Sou o eterno apaixonado – o prisioneiro por natureza
o cheiro da terra me acorda no início da manhã...
e a minha corrente de ferro o acorda no início da noite.
Este é o preço de se viver de novo.
Os que buscam a vida não perguntam pela vida
perguntam pela terra: já se levantou
minha criança, a terra?
Você foi conhecida para ser degolada?
Prenderam você nos nossos sonhos, e com isso você desceu até as nossas feridas no
inverno?
Você foi conhecida para ser degolada?
Prenderam você nos sonhos deles, e com isso você subiu até os nossos sonhos na
primavera?
Eu sou a terra...
Vocês que buscam a semente de trigo em seu berço
arem meu corpo!
Vocês que vão à montanha de fogo
passem sobre o meu corpo!
Vocês que vão à Rocha de Jerusalém
passem sobre o meu corpo!
Vocês que passam sobre o meu corpo
Não passarão!
Eu sou a terra em um corpo
Não passarão!
Eu sou a terra que desperta
Não passarão!
Eu sou a terra. Vocês que passam sobre a terra que desperta
Não passarão!
Não passarão!
Não passarão!

O pombo voa

O pombo voa
o pombo pousa

Prepare a terra para o meu descanso,
porque eu te amo até a exaustão.
A sua manhã é uma fruta para as canções,
e esta noite é ouro.
Nós somos um do outro como a sombra invade sua sombra no mármore.
Eu me pareço comigo enquanto me penduro
em um pescoço que só abraça as nuvens
você é o ar que se desnuda à minha frente como lágrimas que caem da uva
você é a origem da família das ondas
quando aderem à terra firme e se vão
porque eu te amo, você
é o princípio da minha alma, você é o fim.

O pombo voa
o pombo pousa

Eu e meu amor somos duas vozes em um só lábio
sou do meu amor, e meu amor é de sua estrela rara
entramos no sonho, mas ele se atrasa para que não o vejamos
quando adormece o meu amor, acordo para velar no sonho contra o que ele vê
afasto dele as noites que passaram antes da nossa união
e escolho nossos dias com minhas mãos,
como eu escolho a rosa da mesa
durma então, meu amor
que suba a voz dos mares até o meu joelho
para que eu caia dentro de você e salve o seu sonho de um espinho invejoso
durma, meu amor
sob a trança dos meus cabelos, tranquilo.

O pombo voa
o pombo pousa

Vi o mês de abril no mar
eu disse: esqueci o cuidado de tuas mãos
esqueci como você canta sobre minhas feridas.
Então, quantas vezes consegue nascer no meu sonho?

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

Quantas vezes consegue me matar até que eu grite que te amo e assim você descanse?
Eu te chamo antes das palavras
e voa por sua cintura antes de te alcançar.
Quantas vezes você consegue botar os endereços da minha alma no bico desses pombos
e desaparecer como a distância na encosta
devo entender você é a Babilônia, e o Egito e a Síria.

O pombo voa
o pombo pousa

Para onde você me leva, meu amor, me retira de meus pais, da minha árvore, da minha
cama pequena, dos meus temores, dos meus espelhos, da minha lua, do meu armário, da
minha vida, da minha insônia, das minhas roupas, da minha timidez? Para onde você me
leva, meu amor? Para onde? Você me acende as estepes no ouvido e me faz carregar
duas ondas e quebra duas costelas, me faz beber e então me incendeia e me abandona
no caminho do vento até você
é um pecado, um pecado...

O pombo voa
o pombo pousa

Porque eu te amo, minha cintura sangra
fujo do meu sofrimento em noites prolongadas pelo que temo
venha muito, ausente-se pouco
venha pouco, ausente-se muito
venha, venha e não pare - ai dos passos parados.
Te amo quando te desejo, te amo quando te desejo
acolho esse brilho encoberto de abelhas e da rosa arrebatadora.
Te amo, maldição do sentimento
Temo o coração que você tem, temo que chegue meu desejo.
Te amo quando te desejo,
amo o teu corpo que cria e mata as memórias antes de terminá-las.
Te amo quando te desejo,
reduzo minha alma a dois pés - a dois paraísos
arranho minhas feridas com as pontas do teu silêncio... com a tormenta.
Morro, para que as palavras recubram tuas mãos.

O pombo voa
o pombo pousa

Porque eu te amo, a água me fere e as estradas até o mar me ferem
o clamor do dia na luz dos teus pulsos me fere

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

meu amor, te chamo durante o sono, temo o cuidado das palavras
temo o cuidado das palavras como uma abelha que chora entre minhas coxas
porque eu te amo, a sombra sob os lustres me fere, me fere
um pássaro no céu distante, me fere o aroma da violeta
me fere o início do mar
me fere o fim do mar
quem me dera não te amar
quem me dera não te amar
e se cure assim o mármore.

O pombo voa
o pombo pousa

Eu te vejo e me refugio da morte. Teu corpo é um porto
com dez lírios brancos, dez dedos
o céu passa a um azul que havia perdido
agarro essa beleza de mármore
agarro o aroma do leite escondido nas duas ameixas sobre o mármore, então venero
quem provê a terra deserta e o mar como um refúgio.
Na borda do sal e do mel primários
beberei o sumo⁴ da tua noite, então dormirei
sobre um trigo que quebra o campo, quebra até o soluço e enferruja.
Vejo você e escapo da morte. Teu corpo é um porto.
Como a terra me espalha na terra?
Como dormirá o sonho?

O pombo voa
o pombo pousa

Meu amor, temo o silêncio de suas mãos
esfregue o meu sangue para que os cavalos durmam
meu amor, as fêmeas dos pássaros voam até você
tome-me como um par, ou como um sopro
meu amor, permanecerei junto de você
até que cresça como seu o pistache do meu peito
e me arranque aos seus passos.
Meu amor, chorarei por você
porque você é o topo do meu céu
e meu corpo é a sua terra na terra,

⁴ O termo usado é o *ḥarrūb* (do qual por sua vez deriva o arabismo “alfarroba”), entende-se por ele a elipse [*dibs alḥarrūb*]. Trata-se do melaço produzido do fruto da alfarrobeira, também conhecida como figueira do Egito, figueira de Pitágoras. Daí nossa opção por “sumo”.

criação & crítica especial

meu corpo é um lugar.

O pombo voa
o pombo pousa

Vi na ponte o Alandalus do amor e o sexto sentido
numa rosa seca
a voltar-lhe o coração
e ele disse: o amor me custa o que não amo
que me custe amá-la.

A lua dormiu
sobre um anel que se quebrou
e o pombo voou

Vi na ponte o Alandalus do amor e o sexto sentido
numa lágrima desesperada
a voltar-lhe o coração
e ela disse: o amor me custa o que não amo
que me custe amá-lo.

A lua dormiu
sobre um anel que se quebrou
e sobre a ponte e os amantes a sombra parou.

O pombo voa
o pombo pousa.

Hóspedes no mar

Hóspedes no mar: a visita será breve
e nossa conversa são pontos da história estilhaçada há uma hora
Em que Mediterrâneo o mundo começou?
Construímos uma ilha para o sul do nosso grito.
Adeus, pequena ilha!

Não viemos de outro país
viemos da romã e dos laços da memória
de uma ideia em fragmentos até a espuma.
Não perguntem quanto ficaremos
não perguntem nada da nossa vinda

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

deixem-nos descarregar dos lentos navios
o que resta do nosso corpo e da nossa alma.

Hóspedes no mar: a visita será breve
e a Terra, ainda mais breve.
Lançaremos nas águas outra maçã,
círculos em círculos.
Para onde ir na hora de ir?
Para onde voltar na hora de voltar? Meu Deus,
o que resta da nossa alma errante? O que resta dos caminhos?
O que resta dos limites da Terra?
Existe outra rocha para um sacrifício por Tua misericórdia?
O que resta de nós para partir novamente?

Mar, não nos dê a canção que não merecemos.

O mar tem por fim subir e descer
a mulher por princípio, incitar
o poeta, afundar em sofrimento
o mártir, rebentar em sonhos
o sábio, conduzir o povo a uma ilusão feliz

Mar, não nos dê a canção que não merecemos.

Não viemos da língua deste lugar.
A planta da distância cresceu em nós, cresceu e se espalhou em nós a areia
cresceu nossa visita breve.
Quantos ciclos a lua mostrou para quem não é de nós?
Quantas pedras botou longe a andorinha?
Quantos anos dormiremos, hóspedes no mar, à espera
dizendo que vamos logo daqui?
Morremos de dormir, quebramos.
Ó tempo do mar dentro de nós, apenas o breve permanece?

Mar, não nos dê a canção que não merecemos.

E queremos viver um pouco,
nada mais que seguir outra vez
nada mais existe em nós dos antepassados,
mas ainda queremos o cheiro das manhãs com café
queremos o cheiro das ervas da terra
queremos a escola

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

o cemitério
a liberdade do tamanho do crânio... e uma melodia.

Mar, não nos dê a canção que não merecemos.

Queremos viver um pouco
para retornar, nada mais
Não viemos só por vir.
O mar nos jogou em Cartago como conchas e estrelas
Quem se lembra das palavras que acendem a nação sem porta?
Quem se lembra dos antigos beduínos quando dominaram o mundo com a palavra?
Quem se lembra dos mortos enquanto disputam revelar os segredos dos mitos?
Esqueceram de nós, esquecemos deles, e a vida segue.
Quem se lembra agora do começo e do fim?
Queremos viver um pouco para retornar e nada mais
a um início, a uma ilha, a um navio, a um fim
aos apelos de uma viúva, a um porão, a uma tenda.
Nossa breve visita cresceu
e o mar dentro de nós morreu há dois anos... o mar morreu dentro de nós.

Mar, não nos dê a canção que não merecemos.

UTI

O ar gira em mim e a terra me estreita
preciso voar e bridar o vento
mas sou humano, sinto mil flautas rasgarem meu peito.
Cobri-me de neve e vi meu túmulo na palma da mão.
Me revirei na cama.
Golfei, desmaiei por um tempo, morri.
Gritei um pouco antes da pequena morte: Te amo,
devo entrar na morte por teus pés?
Morri, morri mesmo.
Como é serena a morte não fosse o teu choro!
Como é serena a morte não fossem as tuas mãos
que apertam meu peito para eu voltar de onde morri.
Te amo antes da morte e depois dela, e entre uma e outra morte vi só o rosto da minha
mãe.
Meu coração se perdeu um instante e voltou.
Perguntei à amada: em que coração fui atingido?
Ela se inclinou sobre ele e molhou minha pergunta com lágrimas.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

Meu coração, como pode mentir para mim e me fazer cair do meu relincho?
Temos muito tempo, coração, resista!
para que te venha das terras de Balquis o pássaro mensageiro.
Mandamos cartas.
Atravessamos trinta mares e sessenta planícies
e ainda há tempo para divagarmos.
Como pode meu coração mentir para um cavalo que não se cansa dos ventos?
Tenha calma, precisamos completar este último abraço e deitar.
Tenha calma, preciso saber se é você meu coração ou é a voz dela que grita: “Me leva”.

Fomos a Áden

Fomos a Áden antes dos nossos sonhos e encontramos a lua iluminando as asas do corvo. Voltamos ao mar e dissemos: por quem
por quem o mar ergue os sinos, seria para ouvirmos o ritmo da nossa hora?

Fomos a Áden antes da nossa história e encontramos o lêmén lamentando Imru’ Alqays⁵,
mascando *khat*⁶, apagando fotos.
Não tinha percebido, meu amigo, como estamos dependentes de César neste tempo?

Fomos a favelas miseráveis e abrimos uma janela na pedra
As tribos nos cercaram, meu amigo, ficamos derrubados por tanta aflição.
Mas nós não trocamos o pão⁷ do inimigo pelo pão de nossas árvores.

Ainda temos o direito de acreditar nos nossos sonhos e desmentir esta nação?

JABRA IBRAHIM JABRA

Para Sócrates⁸

Por que te fizeram beber veneno, Sócrates?
Repetimos a pergunta e é como se soubéssemos a história toda.
Sabemos como você passou os dias em conversas com seus alunos

⁵ Imru’ Alqays foi um poeta árabe do século VI d.C. famoso por sua vida desregrada e por ser autor de um dos Poemas Suspensos (*mu’allaqāt*), coletânea reconstituída do que teria sido a mais elevada poesia do período pré-islâmico.

⁶ No lêmén, é tradicional o hábito de mascar a folha de *qāt*, planta nativa que tem efeito estimulante semelhante ao da anfetamina.

⁷ O termo *ragīfa* refere-se a um tipo de pão redondo comum em alguns países árabes.

⁸ Uma versão dessa tradução, resultado de discussão entre os membros do Grupo de Tradução da Poesia Árabe Contemporânea, da USP, consta em Sleiman et al, 2016, p. 100.

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

consolando-os por sua morte iminente
(como se o veneno fosse vontade dos deuses)
e como você se entretinha na solidão
contando novamente as fábulas de Esopo
(como se a sabedoria fosse antídoto para o veneno)
e como você no momento final
não esqueceu do culto a Asclépio
pois pediu que lhe sacrificassem um galo
(como se para tomar veneno fosse preciso ter a consciência limpa)
E isso era mais do que seus juízes podiam tolerar
Não suportavam a maravilha da dúvida
que você semeou no solo de Atenas,
ameaçando frágeis certezas.
Por isso te deram veneno
e você não hesitou.
Levou o cálice aos lábios
e quando tomou, matou a todos.

Quem lembra hoje os nomes deles?

Recompensa amorosa

Tua voz invade meu pensamento como uma canção,
e onde quer que eu olhe te ouço dizer:
você quer me beijar?
Ressoa a melodia em minha cabeça.
Te beijar?
Quero te envolver como
a tempestade envolve as ondas agitadas –
quero te torcer como
a tempestade torce o mar,
que é você, mar
chamando por mim, horror esplêndido,
para me afogar
como na tempestade,
como no brilho violento do sol.
Você acha meu amor bestial?
mas ele é um prazer
como a doçura do teu seio na concha⁹ da minha mão

⁹ Literalmente “no recheio da minha mão”. Procurou-se produzir o sentido do texto árabe por meio da imagem relacionada a uma expressão mais usual no português brasileiro.

criação & crítica especial

ou a ternura dos teus lábios
toda vez que eu os mordo.
Só tenho medo da sede e da separação
queria que você tatuasse
teu nome no meu pulso
com meu sangue -
para eu ler e suportar a sede.

Mas tua voz invade meu pensamento
como uma canção e deixa em mim
a tempestade possuída pelo mar
que é você.

محمود درويش

قصيدة الأرض

-1-

في شهر آذار، في سنة الانتفاضة، قالت لنا الأرض أسرارها الدموية. في شهر آذار مرّت أمام البنفسج والبندقية خمس بنات. وقفن على باب مدرسة ابتدائية، واشتعلن مع الورد والزعر البلدي. افتتح نشيد التراب. دخلن العناق النهائي – آذار يأتي إلى الأرض من باطن الأرض يأتي، ومن رقصة الفتيات – البنفسج مال قليلاً ليعبر صوت البنات. العصافير مدّت مناقيرها في اتجاه النشيد وقلبي.
أنا الأرض أنت
والأرض أنت
خديجة! لا تغلق الباب
لا تدخل في الغياب
سنطردهم من إناء الزهور وحبل الغسيل
سنطردهم عن حجارة هذا الطريق الطويل
سنطردهم من هواء الجليل.
وفي شهر آذار، مرّت أمام البنفسج والبندقية خمس بنات. سقطن على باب مدرسة ابتدائية. للطباشير فوق الأصابع لون العصافير.
في شهر آذار قالت لنا الأرض أسرارها.

-2-

أسمي التراب امتداداً لروحي
أسمي يدي رصيف الجروح
أسمي الحصى أجنحة
أسمي العصافير لوزاً وتين
أسمي ضلوعي شجر
وأستل من تينة الصدر غصناً
وأقذفه كالحجر
وأنسف دباب الفاتحين .

-3-

وفي شهر آذار، قبل ثلاثين عاماً وخمس حروب،
وُلدت على كومة من حشيش القبور المضيء.

criação & crítica especial

أبي كان في قبضة الإنجليز. وأمي تربّي جدبقتها وامتدادي على العشب. كنتُ أحبُّ "جراح الحبيب" و أجمعها في جيوبي، فتذبلُ عند الظهيرة، مرّ الرصاصُ على قمري الليلكي فلم ينكسر، غير أنّ الزمان يمرّ على قمري الليلكي فيسقط سهواً... وفي شهر آذار نمتدّ في الأرض في شهر آذار تنتشر الأرض فينا مواعيد غامضة واحتفالاً بسيطاً ونكتشف البحر تحت النوافذ والقمر الليلكي على السرو في شهر آذار ندخلُ أول سجنٍ وندخلُ أول حُبٍ وتنهمرُ الذكرياتُ على قرية في السياج ولدنا هناك ولم نتجاوز ظلال السفرجل كيف تفرّين من سُبُلِي يا ظلال السفرجل؟ في شهر آذار ندخلُ أول حُبٍ وندخلُ أول سجنٍ وتنبلجُ الذكرياتُ عشاءً من اللغة العربية: قال لي الحبُّ يوماً: دخلتُ إلى الحلم وحدي فضعتُ وضاع بي الحلم. قلتُ تكاثر! ترّ النهر يمشي إليك. وفي شهر آذار تكتشف الأرض أنهارها.

-4-

بلادي البعيدة عني.. كقلبي!
بلادي القريبة مني.. كسجني!
لماذا أغني
مكاناً، ووجهي مكان؟
لماذا أغني
لطفلي ينام على الزعفران؟
وفي طرف النوم خنجر
وأمي تناولني
صدرها
وتموثُ أمامي
بنسمة عنبر؟

-5-

وفي شهر آذار تستيقظ الخيلُ
سبّدتني الأرض!
أيّ نشيدٍ سيمشي على بطنك المتموج، بعدي؟
وأيّ نشيدٍ يلائم هذا الندى والبُخور
كأنّ الهياكل تستفسرُ الآن عن أنبياء فلسطين في بدنها المتواصل
هذا اخضرارُ المدى واحمرارُ الحجارة -
هذا نشيدي
وهذا خروجُ المسيح من الجرح والريح
أخضرَ مثل النبات يُغطي مساميرهُ وقيودي
وهذا نشيدي
وهذا صعودُ الفتى العربيّ إلى الحلم والقدس.
في شهر آذار تستيقظ الخيلُ.
سبّدتني الأرض!
والقَمَمُ اللّولبيةُ تبسطها الخيلُ سجادةً للصلاة السريعة
بين الرماح وبين دمي.
نصف دائرة ترجعُ الخيلُ قوساً

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

ويلمّع وجهي ووجهك حيفا وعرسا
وفي شهر آذار ينخفضُ البحرُ عن أرضنا المستطيلة مثل حصانٍ على وتر الجنس.
في شهر آذار ينتفضُ الجنسُ في شجر الساحل العربي
وللموج أن يحبس الموج ... أن يتموّج... أن
يتزوّج .. أو يتضّرّح بالقطن
أرجوك - سيدتي الأرض - أن تُسكنيني صهيلاً
أرجوك أن تدفني مع الفتيات الصغيرات بين البنفسج والبنديقية
أرجوك - سيدتي الأرض - أن تُخصبي عُمرَي المتمايلَ بين سؤاليين: كيف؟ وأين؟
وهذا ربيعي الطليعي
وهذا ربيعي النهائي
في شهر آذار زوّجت الأرض أشجارها.

-6-

كأني أعودُ إلى ما مضى
كأني أسيرُ أمامي
وبين البلاط وبين الرضا
أعيدُ انسجامي
أنا ولدُ الكلمات البسيطة
وشهيدُ الخريطة
أنا زهرةُ المشمش العائليّة.
فيا أيّها القابضون على طرف المستحيل
من البدء حتّى الجليل
أعيدوا إليّ يديّ
أعيدوا إليّ الهويّة!

-7-

وفي شهر آذار تأتي الظلال حرييةً والغزاة بدون ظلالٍ
وتأتي العصافيرُ غامضةً كاعتراف البنات
وواضحةً كالحقول
العصافيرُ ظلُّ الحقول على القلب والكلمات.
خديجة!
- أين حفيداتك الذاهابُ إلى حَبّهن الجديد؟
- ذهبن ليقطن بعض الحجارة-
قالت خديجة وهي تحبُّ الندى خلفهنّ.
وفي شهر آذار يمشي التراب دماً طازجاً في الظهيرة. خمسُ بناتٍ يخبئن حقلًا من القمح تحت الضفيرة. يقرأن مطلع أنشودةٍ على
دوالي الخليل، ويكتبن خمس رسائل:
تحيا بلادي
من الصفر حتّى الجليل
ويحلمن بالقدس بعد امتحان الربيع وطرده الغزاة.
خديجة! لا تغلقي الباب خلفك
لا تذهبي في السحاب
ستمطر هذا النهار
ستمطر هذا النهار رصاصاً
ستمطر هذا النهار!
وفي شهر آذار، في سنة الانتفاضة، قالت لنا الأرض أسرارها الدّمويّة: خمسُ بناتٍ على باب مدرسة ابتدائيّة يقتحمن جنود
المظلات. يسطعُ بيتٌ من الشعر أخضر... أخضر.
خمسُ بناتٍ على باب مدرسة ابتدائية ينكسرن مرايا مرايا
البنات مرايا البلاد على القلب..

في شهر آذار أحرقت الأرض أزارها.

-8-

أنا شاهدُ المذبحة
وشهيدُ الخريطة
أنا ولدُ الكلمات البسيطة
رأيتُ الحصى أجينة
رأيتُ الندى أسلحة
عندما أغلقوا باب قلبي علياً
وأقاموا الحواجز فياً
ومنع التجول
صار قلبي حارة
وضلوعي حجارة
وأطلّ القرنفل
وأطلّ القرنفل

-9-

وفي شهر آذار رائحةُ للنباتات. هذا زواجُ العناصر. "آذار أفسى الشهور" وأكثرها شبقاً. أيّ سيفٍ سيعبرُ بين شهيقِي وبين زفيرِي ولا يتكسرُ! هذا عناقِي الزَّراعيُّ في ذروة الحبِّ. هذا انطلاقِي إلى العمر. فاشتبكي يا نباتاتُ واشتركي في انتفاضة جسمي، وعودة حلمي إلى جسدي. سوف تنفجرُ الأرض حين أحققُ هذا الصراخ المكبَّل بالريِّ والخجل القرويِّ. وفي شهر آذار نأتي إلى هوس الذكريات، وتنمو علينا النباتاتُ صاعدةً في اتجاهات كلِّ البدايات. هذا نموُّ التداعي. أُسمِّي صعودي إلى الزنزلخت التداعي. رأيتُ فتاةً على شاطئ البحر قبل ثلاثين عاماً وقلتُ: أنا الموجُ، فابتعدتُ في التداعي. رأيتُ شهيدين يستمعان إلى البحر: عكا تجيء مع الموج. عكا تروح مع الموج. وابتعدا في التداعي. ومالت خديجة نحو الندى، فاحترفتُ. خديجة! لا تغلقي الباب! إنَّ الشعوب ستدخلُ هذا الكتاب وتأفل شمسُ أريحا بدون طقوس. فيا وطنَ الأنبياء... تكامل! ويا وطنَ الزارعين .. تكامل! ويا وطنَ الشهداء .. تكامل! ويا وطنَ الضائعين .. تكامل! فكلُّ شعاب الجبال امتدادٌ لهذا النشيد. وكلُّ الأناسيد فيك امتدادٌ لزيتونة زملنتني.

-10-

مساءً صغيرٌ على قريةٍ مهملة
وعيناك نائمتان
أعودُ ثلاثين عاماً
وخمسَ حروب
وأشهدُ أنَّ الزمانَ
يخبئ لي سنبلة

يغني المغني
عن النار والغرباء
وكان المساء مساءً
وكان المغني يُغني
ويستجوبونه:
لماذا تغني؟

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

بردٌ عليهم:
لَأَتِي أُغْنِي

وقد فَنَشُوا صدرَهُ
فلم يجدوا غير قلبه
وقد فَنَشُوا قلبَهُ
فلم يجدوا غير شعيه
وقد فَنَشُوا صوتَهُ
فلم يجدوا غير حزنه
وقد فَنَشُوا حزنَهُ
فلم يجدوا غير سجنه
وقد فَنَشُوا سجنَهُ

فلم يجدوا غيرهم في القيود

وراء التَّلال
ينامُ المغْنِي وحيداً
وفي شهر آذار
تصعدُ منه الظلال

-11-

أنا الأملُ والسهلُ والرحبُ – قالت لي الأرضُ والعشبُ مثل التحية في الفجر
هذا احتمالُ الذهابِ إلى العمر خلف خديجة. لم يزرعوني لكي يحصدوني
يريد الهواء الجليلي أن يتكلم عني، فينعس عند خديجة
يريد الغزال الجليلي أن يهدم اليوم سجنِي، فيحرس ظلَّ خديجة وهي تميلُ على نارها.
يا خديجة! إنِّي رأيتُ .. وصدقتُ رؤياي تأخذني في مداها وتأخذني في هواها. أنا العاشقُ الأبدِي، السجينُ البديهي. يقتبس
البرتقالُ اخضراري ويصبحُ هاجسَ يافا
أنا الأرضُ منذ عرفتُ خديجة
لم يعرفوني لكي يقتلونِي
بوسع النباتِ الجليلي أن يترعرع بين أصابع كفي ويرسم هذا المكان المورَّع بين اجتهادي وحبِّ خديجة
هذا احتمالُ الذهابِ الجديد إلى العمر من شهر آذار حتَّى رحيل الهواء عن الأرض
هذا الترابُ ترابي
وهذا السحابُ سحابي
وهذا جبين خديجة
أنا العاشقُ الأبدِي – السجينُ البديهي
رائحةُ الأرض تُوقظني في الصباح المبكر..
قيدي الحديدي يوقظها في المساء المبكر
هذا احتمالُ الذهابِ الجديد إلى العمر،
لا يسألُ الذاهبون إلى العمر عن عمرهم
يسألون عن الأرض: هل نَهَضَتْ
طفلتي الأرض!
هل عرفوك لكي يذبحوك؟
وهل قَيِّدوك بأحلامنا فاندحرتِ إلى جرحنا في الشتاء؟
وهل عرفوك لكي يذبحوك؟
وهل قَيِّدوك بأحلامهم فارتفعتِ إلى حلمنا في الربيع؟
أنا الأرض..
يا أيُّها الذاهبون إلى حبة القمح في مهدها
احرثوا جَسدي!

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

أَيُّهَا الذَاهِبُونَ إِلَى جَبَلِ النَّارِ
مُرُّوا عَلَى جَسَدِي
أَيُّهَا الذَاهِبُونَ إِلَى صَخْرَةِ الْقُدْسِ
مُرُّوا عَلَى جَسَدِي
أَيُّهَا الْعَابِرُونَ عَلَى جَسَدِي
لَنْ تَمُرُّوا
أَنَا الْأَرْضُ فِي جَسَدِي
لَنْ تَمُرُّوا
أَنَا الْأَرْضُ فِي صَحْوِهَا
لَنْ تَمُرُّوا
أَنَا الْأَرْضُ. يَا أَيُّهَا الْعَابِرُونَ عَلَى الْأَرْضِ فِي صَحْوِهَا
لَنْ تَمُرُّوا
لَنْ تَمُرُّوا
لَنْ تَمُرُّوا !

يطير الحمام

يطيرُ الحمامُ
يَحُطُّ الحمامُ

أَعْدِي لِي الْأَرْضَ كَيْ أُسْتَرِيحَ ,
فَإِنِّي أُحِبُّكَ حَتَّى التَّعَبِ ...
صَبَّاحُكَ فَكِهَةٌ لِلْأَغَانِي ,
وَهَذَا الْمَسَاءُ ذَهَبَ .
وَنَحْنُ لَنَا حِينَ يَدْخُلُ ظِلُّ إِلَى ظِلِّهِ فِي الرِّخَامِ ِ
وَأَشْبَهُ نَفْسِي حِينَ أُعْلِقُ نَفْسِي
عَلَى عُقِّي لَا تُعَانِقُ غَيْرَ الْغَمَامِ
وَأَنْتِ الْهَوَاءُ الَّذِي يَتَعَرَّى أَمَامِي كَدَمْعِ الْعَيْنِ
وَأَنْتِ بَدَايَةُ عَائِلَةِ الْمَوْجِ
حِينَ تَشَبَّهْتُ بِالْبَرِّ , حِينَ اغْتَرَبْتُ
وَإِنِّي أُحِبُّكَ , أَنْتِ بَدَايَةُ رَوْحِي , وَأَنْتِ الْخَتَامُ

يطيرُ الحمامُ
يَحُطُّ الحمامُ

أَنَا وَحَبِيبِي صَوْتَانِ فِي شَفَةِ وَاحِدَةٍ
أَنَا لِحَبِيبِي أَنَا , وَحَبِيبِي لِنَجْمَتِهِ الشَّارِدَةِ
وَنَدْخُلُ فِي الْخُلْمِ , لَكِنَّهُ يَنْبَاطُ كَيْ لَا نَرَاهُ
وَحِينَ يَنَامُ حَبِيبِي أَصْحُو لَكِي أَحْرَسَ الْخُلْمَ مِمَّا يَرَاهُ
وَأُطْرِدُ عَنْهُ اللَّيَالِي الَّتِي عَبَرْتُ قَبْلَ أَنْ نَلْتَقِيَ
وَأَخْتَارُ أَيَّامَنَا بِيَدِي
كَمَا أَخْتَارُ لِي وَرْدَةَ الْمَائِدَةِ
فَنَمْ يَا حَبِيبِي
لِيَصْعَدَ صَوْتُ الْبَحَارِ إِلَى رُكْبَتِي
وَنَمْ يَا حَبِيبِي
لَأَهْبِطَ فِيكَ وَأَنْقِذَ حُلْمَكَ مِنْ شَوْكَةِ حَاسِدَةٍ
وَنَمْ يَا حَبِيبِي

criação & crítica especial

عليك صفائر شعري , عليك السلام.

يطيرُ الحمامُ
يُحطُّ الحمامُ

رأيت على البحر إبريل ,
قلتُ: نسيت انتباه يديك
نسيتُ التراتيلَ فوق جروحي ..
فَكَمْ مَرَّةً تستطيعين أن تولدي في منامي ؟
وَكَمْ مَرَّةً تستطيعين أن تقتليني لأصْرُخَ : أني أحبك كي تستريحي ...
أناديك قبل الكلام .
أطير بخصركِ قبل وصولي إليك ,
فكم مَرَّةً تستطيعين أن تَصْغِي في مناقير هذا الحمام
عناوين رُوحِي؟ وأن تحتفي كالمدي في السفوح
لأدرك أنك بابل، مصر، وشام.

يطيرُ الحمامُ
يُحطُّ الحمامُ

إلى أين تأخذني يا حبيبي من والدي
ومن شجري, ومن سريري الصغير ومن ضجري, من مراياي من قمري, من خزانة عمري ومن سهري, من ثيابي ومن خفري?
إلى أين تأخذني يا حبيبي.. إلى أين؟ تُشعل في أذني البراري , تُحْمِلُنِي موجتين وتكسر ضلعين, تشربني ثم توقدني, ثم تتركني في
طريق الهواء إليك..
حرام ... حرام

يطيرُ الحمامُ
يُحطُّ الحمامُ

لأنني أحبك خاصرتي نازفة
وأركضُ من وَجعي في ليالي يُوسِّعها الخوفُ مما أخافُ
تعالى كثيراً , وغيبني قليلاً
تعالى قليلاً , وغيبني كثيراً
تعالى تعالى ولا تقفي, أه من خطوة واقفة!
أحبك إذ أشتهيك . أحبك إذ أشتهيك
وأحضنُ هذا الشعاع المطوق بالنحل والوردة الخاطفة
أحبك يا لعنة العاطفة
أخاف على القلب منك , أخاف على شهوتي أن تصل.
أحبك إذ أشتهيك,
أحبك يا جسداً يخلق الذكريات ويقتلها قبل أن تكتمل.
أحبك إذ أشتهيك,
أطوِّع رُوحِي على هيئة القدمين —على هيئة الجنَّتين
أحكُ جروحي بأطراف صمتك ..والعاصفة
أموتُ ليجلس فوق يديكِ الكلامُ

يطيرُ الحمامُ
يُحطُّ الحمامُ

لأنني أحبك يجرحني الماء والطرقاُت إلى البحر تجرحني

criação & crítica especial

والفراشة تجرحني
وأذانُ النهارِ على ضوءِ زنديكِ يجرحني
يا حبيبي , أناديكَ طيلةَ نومي, أخافُ انتباهَ الكلامِ
أخافُ انتباهَ الكلامِ إلى نحلةٍ بينَ فخذَيَّ تبكي
لأنِّي أحبكُ يجرحني الظلُّ تحتِ المصابيحِ, يجرحني
طائرٌ في السماءِ البعيدةِ , عطرُ البنفسجِ يجرحني
أولُ البحرِ يجرحني
آخرُ البحرِ يجرحني
ليتني لا أحبكُ
يا ليتني لا أحبُّ
ليشفى الرخامُ

يطيرُ الحمامُ
يُحطُّ الحمامُ

أراكِ.. فأنجوا من الموتِ . جسمُكِ مرفأً
بعشرِ زنايقٍ بيضاء , عشرِ أناملٍ
تمضي السماءُ إلى أزرقٍ ضاعَ منها
وأُمسِكُ هذا البهاءَ الرخاميَّ
أُمسِكُ رائحةَ للحليبِ المُخبأ في خوختينِ على مرمرٍ, ثم أعبدُ مَنْ يمنحُ البرَّ والبحرَ ملجأً.
على ضفَّةِ الملحِ والعسلِ الأولينِ
سأشربُ خَرُوبَ ليلِكِ, ثم أنامُ
على حنطةٍ تكسرُ الحقلَ , تكسرُ حتى الشهيقَ - فيصدأُ.
أراكِ.. فأنجوا من الموتِ . جسمُكِ مرفأً
فكيف تُشردُني الأرضُ في الأرضِ
كيف ينامُ المنامُ؟

يطيرُ الحمامُ
يُحطُّ الحمامُ

حبيبي أخافُ سكوتَ يديكَ
فَحَكِّ دمي كي تنامِ الفرسُ
حبيبي , تطيرُ إناثُ الطيورِ إليكِ
فخذني أنا زوجةً أو.. نَفْسَ
حبيبي, سأبقى لديكِ
ليكبرَ فُسْتُقُ صدري لديكِ
ويجتثني مِنْ خُطَاكَ الحَرَسِ.
حبيبي , سأبكي عليكِ عليكِ عليكِ
لأنك سطحُ سمائي
وجسمي أرضُكَ في الأرضِ,
جسمي مقامُ.

يطيرُ الحمامُ
يُحطُّ الحمامُ

رأيتُ على جسرِ أندلسِ الحبِّ والحاسةِ السادسةِ.
على وردةٍ يابسةٍ
أعاد لها قلبُها

criação & crítica especial

وقال : يكلفني الحبُّ ما لا أحبُّ
يكلفني
حُبِّها .
ونام القمرُ
على خاتم ينكسرُ
وطار الحمامُ ..

رأيتُ على جسر أندلس الحبَّ والحاسة السادسةُ
على دمعَةٍ يائسةُ
أعادتُ له قلبه
وقالت: يكلفني الحبُّ ما لا أحبُّ
يكلفني حُبُّه
ونام القمرُ
على خاتم ينكسرُ

.وخطَّ على الجسر والعاشقين الظلامُ
يطيرُ الحمامُ
يُخطُّ الحمامُ

نُزِّلُ على بحرٍ

نُزِّلُ على بحرٍ : زيارتنا قصيرة
وحديثنا نُقِطُ من الماضي المهشم منذ ساعة
من أيّ أبيض يبدأ التكوين؟
أنشأنا جزيرة
لجنوبٍ صرختنا . وداعاً يا جزيرتنا الصغيرة

لم نأتِ من بلدٍ إلى هذا البلدِ
جننا من الرُّمَّان , من سرِّيس ذاكرةٍ أتيننا
من شطايا فكرةٍ جننا إلى هذا الزبدِ
لا تسألونا كم سنمكث بينكم ' لا تسألونا
أيّ شيء عن زيارتنا. دعونا
نفرغ السفنَ البطيئة من بقيّة روحنا ومن الجسدِ

نُزِّلُ على بحرٍ : زيارتنا قصيرة
والأرضُ أصغر من زيارتنا . سنرسل للمياه
ثِقَاحاً أخرى ' دوائر من دوائر أين نذهبُ
حين نذهبُ؟ أين نرجعُ حين نرجعُ؟ يا إلهي
ماذا تبقى من رياضة روحنا ؟ ماذا تبقى من جهاتٍ
ماذا تبقى من حدود الأرض ؟ هل من صخرةٍ أخرى
نُقَدِّم فوقها قربانَ رحمتك الجديد؟
ماذا تبقى من بقاينا لنرحلَ من جديد؟

لا تُعطِنَا , يا بحرُ , ما لا نستحقُّ من النشيد

للبحر مهنته القديمة:

CRIAÇÃO & CRÍTICA ESPECIAL

مدّ وجزرٌ ،
للنساء وظيفَةٌ أولى هي الإغراء ،
للشعراء أن يتساقطوا غمّاً
وللشهداء أن يتفجروا حلمّاً
وللحكماء أن يستدرجوا شعباً إلى الوهم السعيد
لا تُعطينا، يا بحرُ ، ما لا نستحقُّ من النشيدُ

لم نأتِ من لغة المكان إلى المكان
طالت نباتاتُ البعيد وطالَ ظلُّ الرمل فينا وانتشر
طالت زيارتنا القصيرة . كم قمر
أهدى خواتمه إلى مَنْ ليس منّا . كم حجر
باض السنونو في البعيد وكم سنة
سننام في نرلٍ على بحرٍ وننتظر المكان
ونقول : بعد هنيهة أخرى سنخرج من هنا
متنا من النوم ، انكسرنا وهنا
أفلا يدوم سوى المؤقت يا زمان البحر فينا؟
لا تُعطينا، يا بحرُ ، ما لا نستحقُّ من النشيدُ

ونريد أن نحيا قليلاً ' لا لشيء
بل للرحل من جديد
لا شيء من أسلافنا فينا ولكننا نريد
بلادَ قهوتنا الصباحية
ونريد رائحة النباتات البدائية
ونريد مدرسة خصوصية
ونريد مقبرة خصوصية
ونريد حرية
في حجم جمجمة ... وأغنية

لا تُعطينا، يا بحرُ، ما لا نستحقُّ من النشيدُ

....ونريد أن نحيا قليلاً كي نعود لأيّ شيء
لم نأتِ كي نأتي...
رمانا البحر في قرطاج أصدافاً ونجمة
من يذكر الكلمات حين توهجت وطناً
لمن لا باب له؟
مَنْ يذكر البدو القدامى حينما استولوا على الدنيا... بكلمة؟
من يذكر القتلى وهم يتدافعون لفضّ أسرار الخرافة؟
ينسوننا ' ننساها ، تحيا الحياة حياتها
من يذكر الآن البداية والتتمة؟
ونريد أن نحيا قليلاً كي نعود لأيّ شيء
أيّ شيء
أيّ شيء
لبداية ' لجزيرة ، لسفينة ، لنهاية
لأذان أرملية ، لأقبية ' لخيمة
طالت زيارتنا القصيرة ،
والبحر فينا مات من سنّين ... مات البحرُ فينا

لا تعطينا يا بحر، ما لا نستحق من النسيء.

حُجْرَةُ الْعِنَايَةِ الْفَانِقَةِ

تَدُورُ بِي الرِّيحُ حِينَ تَضِيقُ بِي الْأَرْضُ
لَا بُدَّ لِي أَنْ أَطِيرَ وَأَنْ أَلْجَأَ الرِّيحَ
لَكُنِّي أَدْمِي.. شَعَرْتُ بِمَلِيونِ نَائِي يُمَزَّقُ صَدْرِي.
تَصَيَّبْتُ ثَلْجاً وَشَاهَدْتُ قَبْرِي عَلَى رَاخَتِي
تَبَعَّرْتُ فَوْقَ السَّرِيرِ.
تَقَيَّأْتُ. غُبْتُ قَلِيلاً عَنِ الْوَعْيِ. مُتُّ.
وَصَحْتُ فَبِيلَ الْوَفَاةِ الْقَصِيرَةِ: إِنِّي أَحْبُّكَ،
هَلْ أَدْخُلُ الْمَوْتَ مِنْ قَدَمِكَ؟
وَمُتُّ.. وَمُتُّ تَمَاماً،
فَمَا أَهْدَأُ الْمَوْتَ لَوْلَا بَكَؤُكَ!
مَا أَهْدَأُ الْمَوْتَ لَوْلَا يَدَاكَ اللَّتَانِ تَدُقَّانِ صَدْرِي لِأَرْجَعِ مِنْ حَيْثُ مُتُّ.
أَحْبُّكَ قَبْلَ الْوَفَاةِ، وَبَعْدَ الْوَفَاةِ
وَبَيْنَهُمَا لَمْ أَشَاهِدْ سِوَى وَجْهِ أُمِّي.
هُوَ الْقَلْبُ ضَلَّ قَلِيلاً وَعَادَ.
سَأَلْتُ الْحَبِيبَةَ: فِي أَيِّ قَلْبٍ أُصِيبْتُ؟
فَمَالَتْ عَلَيْهِ وَغَطَّتْ سُؤَالِي بِدَمْعَتَيْهَا.
أَيُّهَا الْقَلْبُ.. يَا أَيُّهَا الْقَلْبُ كَيْفَ كَذَبْتَ عَلَيَّ وَأَوْقَعْتَنِي عَنْ صَنِيعِي؟
لَدَيْنَا كَثِيرٌ مِنَ الْوَقْتِ، يَا قَلْبُ، فَاصْنُمْ
لِيَأْتِيكَ مِنْ أَرْضِ بَلْقَيْسَ هَذِهِ.
بَعَثْنَا الرِّسَائِلَ.
قَطَعْنَا ثَلَاثِينَ بَحْراً وَسِتِّينَ سَاحِلَ
وَمَا زَالَ فِي الْعُمْرِ وَقْتُ لِنَسْرُدَ.
وَيَا أَيُّهَا الْقَلْبُ، كَيْفَ كَذَبْتَ عَلَى فَرَسٍ لَا تَمْلُ الرِّيَاحَ.
تَمَهَّلْ لِنَكْمِلَ هَذَا الْعِنَاقَ الْأَخِيرَ وَنَسْجُدَ.
تَمَهَّلْ. تَمَهَّلْ لِأَعْرِفَ إِنْ كُنْتُ قَلْبِي أَمْ صَوْتِهَا وَهِيَ تَصْرُخُ: خُذْنِي.

ذَهَبْنَا إِلَى عَدَنَ

ذَهَبْنَا إِلَى عَدَنَ قَبْلَ أَخْلَامِنَا، فَوَجَدْنَا الْقَمَرَ
يُضِيءُ جَنَاحَ الْغُرَابِ. التَّقَنُّنَا إِلَى الْبَحْرِ، قُلْنَا: لِمَنْ
لِمَنْ يَرْفَعُ الْبَحْرُ أَجْرَاسَهُ، أَلْنَسْمَعُ إِيقَاعَنَا الْمُتَنَتِّظَرُ؟
ذَهَبْنَا إِلَى عَدَنَ قَبْلَ تَارِيخِنَا، فَوَجَدْنَا الْيَمْنَ
حَزِيناً عَلَى أَمْرِ الْقَيْسِ، يَمْضَغُ قَاتاً، وَيَمْحُو الصُّورَ.
أَمَا كُنْتُ نَذْرُكَ، يَا صَاحِبِي، أَنَّنَا لِأَجْقَانِ بِقَبْصَرِ هَذَا الزَّمَنِ؟
ذَهَبْنَا إِلَى الْفُقَرَاءِ الْفَقِيرَةِ، نَفْتَحُ نَافِذَةً فِي الْحَجَرِ
لَقَدْ حَاصَرَتْنَا الْقَبَائِلُ، يَا صَاحِبِي، وَرَمَتْنَا الْمَحْنَ،
وَلَكِنَّا لَمْ نَقَابِضْ رَغِيفَ الْعَدُوِّ بِخُبْزِ الشَّجَرِ
أَمَا زَالَ مِنْ حَقِّنَا أَنْ نُصَدِّقَ أَخْلَامَنَا، وَنُكَذِّبَ هَذَا الْوَطْنَ؟

criação & crítica especial

جبرا إبراهيم جبرا

إلى سقراط

لماذا سَقَوَكَ السَّمُّ يا سقراط؟
نستعيدُ السؤالَ وإن كُنَّا
نعرفُ القصَّةَ كُلَّها، ونعرفُ كيفَ أَتَكَ
قضيتَ الأَيَّامَ قَبْلَ الموتِ بالحديثِ إلى تلاميذك
ثَواسيهم عن فقدانك المزمع
(كَأَنَّ السَّمَّ مَشِيئَةُ الإلهة)
وكيفَ أَتَكَ في وحدتك سَلَّيْتَ نَفْسَكَ
بنظم خرافاتِ إيسوبَ من جديد.
(كَأَنَّ في الحكمةِ قضاءً على السَّمِّ)
وكيفَ أَتَكَ في اللحظةِ الأخيرةِ
لم تنسَ حتَّى طقسَ إسكلابيوس
فأوصيتَ بتقديمِ ديكٍ إليه
(كَأَنَّ السَّمَّ يفتضي براءةَ الذمَّةِ).
وهذا كانَ أَكْثَرَ بكَثِيرٍ
مِمَّا يُطِيقُهُ حاكموكِ.
ولا هم كانوا يطيقون
روائعَ الشكِّ التي رُحِتَ تَبْذُرُها
في أرضِ أثينا، مهدداً بها
يقيناتهم الهزيلة.
على التساؤلِ جازوكِ بالسَّمِّ،
فلم تتساءلِ أنتِ.
رفعتِ كأسَ الشيكِرانِ إلى شفَتِكَ
ولما جرعتَها، قتلتهِم جميعاً.
من يذكُرُ اليومَ أسماءَ الذين حاكموكِ؟

متوالية حب

صوتُكَ يملأُ رأسي بالأغاني،
أينما استدرتُ سمعتهُ يقول:
>> أتريدُ أن تقبلني؟ << -
وتهدرُ الأنغامُ في رأسي.
وهل فقط أَقبَلُكَ؟
أريدُ احتواءك كما
يحتوي الزوابعُ الأمواجَ الهائجة -
أريدُ أن أدومَ بكِ كما
تدومُ الزوابعُ بالبحارِ،
وأنتِ، أنتِ البحارُ التي
تصبحُ بي، يا ربيِّ الرائعِ،
لكيما أغرقَ فيها
غرقَ الزوابعِ
غرقَ الشمسِ في نيرانها المتلاطمة.
أوحشيَّ حبي هكذا؟

ولكنّه عذبٌ
كحلاوة نهدك المكور في يدي
أو حلاوة شفتيك
كلما إلتهمتهما
خشيتُ الفراق والظما
ووددتُ لو تخطّين
اسمك على معصمي
بدمي -
فأصبر برويته على ظمائي.

ولكن صوتك يملأ رأسي
بالأغاني، ويطلق في
زوابع جنت للبحار
وأنت، أنت بحاري.

Referências bibliográficas

- Alcorão. Trad. Helmi Nasr. Medina: Fundação Rei Fahd Abdul Aziz, 2005.
- BARBOSA, H.G. *Procedimentos técnicos da tradução: Uma nova proposta*. Campinas: Pontes, 1990.
- JAYYUSI, S. K. *Modern Arabic poetry. An anthology*. New York: Columbia University Press, 1987.
- _____. *Anthology of modern Palestinian literature*. New York: Columbia University Press, 1992.
- _____. *Mawsū'at al'adab alfilistīnī almu'āṣir* (Antologia da literatura palestina moderna) Beirute: Instituto Árabe de Estudos e Publicações, 1997.
- JOUDAH, F. "Mahmoud Darwish's Lyric Epic". *Human Architecture: Journal of the Sociology of Self-Knowledge*. Vol. 7: Iss. 5, Article 5, 2009. Disponível em: <<http://scholarworks.umb.edu/humanarchitecture/vol7/iss5/5>>. Acesso em: 30/07/2020.
- JUBRAN, S. "Para uma romanização padronizada de termos árabes em textos de língua portuguesa". *Tiraz* 1, São Paulo, Ano 1, p. 17-28, 2004.
- MEJCHER-ATASSI, S. "Jabra, Jabra Ibrahim (1920–1994)". *Routledge Encyclopedia of Modernism*. 2016. Disponível em: <<https://www.rem.routledge.com/articles/jabra-jabra-ibrahim-1920-1994>>. Acesso em: 30/07/2020.
- SLEIMAN, M. et al. "Dez Poemas da Palestina". *Tiraz*. São Paulo, n. 8, ano VIII, p. 91-113, 2016.
- VINAY, J. P.; Darbelnet, J. *Comparative stylistics of French and English: a methodology for translation* [1958]. Amsterdam: John Benjamins. Edição revisada e corrigida, 1977.

Recebido em: 11/09/2019

Aceito em: 31/10/2019

Referência eletrônica: CHARETI, Alexandre Facuri. Folhas dispersas das oliveiras. Da poesia de Mahmud Darwich e Jabra Ibrahim Jabra. *Criação & Crítica*, p., ago. 2020. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mmm. aaaa